

DESVELAMENTO NOS MORROS CARIOCAS: NOVOS SENTIDOS DISCURSIVOS EM LIVROS-REPORTAGEM

UNVEILING IN THE RIO'S HILLS: NEW DISCOURSE MEANINGS
IN REPORTING-BOOKS

Felipe Rodrigues* (UNICAMP)
Eni Orlandi** (UNICAMP)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a produção de novos sentidos discursivos presentes nos morros do Rio de Janeiro. A análise faz uso dos preceitos da Análise do Discurso, que concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social e define o discurso como efeito de sentidos entre locutores. Os livros "Abusado" e "Cidade Partida" trabalham dentro da perspectiva da relação de forças e de sentidos, entre os diferentes atores envolvidos no fenômeno da violência, visibilizando sentidos, apontando contradições, complexificando conceitos. A teia de relações sociais que resultam em fenômenos como a violência é buscada nos dois livros, embora ambos não se proponham a ser conclusivos. Nos livros, há uma ruptura com sentidos já consagrados pelo discurso comum que permeia a produção comunicacional dos grandes meios de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Jornalismo. Sentidos. Violência. Livro-reportagem.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the unveiling of new discourse meanings present at the Rio de Janeiro's hills. The analysis makes use of the precepts of discourse analysis, which sees language as the necessary mediation between man and the natural and social reality and defines discourse as meanings effects. The books "Abusado" and "Cidade Partida" work within the perspective of forces and meanings relationship between the different actors involved in the phenomenon of violence, revealing directions, pointing contradictions, bringing more complex concepts. The web of social relationships that result in phenomena such as violence is sought in two books, although both do not propose to be conclusives. In the books, there is a break with directions already established by the common discourse that permeates the production of the major communication media.

KEYWORDS: Discourse analysis. Journalism. Sense. Violence. Book-report.

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural, do Instituto de Estudos de Linguagem (IEL) e do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: felipe.rodriques@gazetadepiracicaba.com.br.

** Docente da Universidade do Vale do Sapucaí e professora colaboradora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 1A. E-mail: enip@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A violência no Brasil é um problema social que amedronta a população. Ao tratar a violência, os meios de comunicação não conseguem, via de regra, refletir os diferentes conflitos sociais existentes em cada acontecimento. Percebe-se uma incompreensão em relação ao fenômeno, pois grande parte da mídia não contextualiza os conflitos de maneira mais elucidativa. O que se vê são representações estilizadas que isolam cada fato de uma rede de forças que misturam os diferentes segmentos sociais. O sensacionalismo predomina ao se falar de “chacinas” nas favelas, sem indicar os sentidos que chacina tem nas diferentes situações em que o acontecimento se dá, e a violência perde sua dimensão social, cotidiana e sistemática, ao receber um tratamento comum por grande parte dos órgãos de comunicação. É o que Orlandi chama de diluição e indistinção de sentidos (ORLANDI, 2010).

Ao cobrir a violência, percebe-se que a mídia esquece, no sentido de colocar no silêncio (ORLANDI, 1992) personagens, fatos ou privilegia determinadas angulações (perspectivas discursivas), além de hierarquizar a produção jornalística conforme o grau de peculiaridade dos eventos. Locais que não oferecem um adicional simbólico não são capazes de fazer com que seus acontecimentos sejam bem situados na imprensa. Periferias que têm percentuais altos de violência só são objetos de cobertura jornalística quando têm acontecimentos mais sensacionais, como grande número de mortos ou mudança no comando de uma favela. Os diversos pontos de vista, ou seja, as diferentes posições-sujeito, que se inscrevem em diferentes formações discursivas¹, dificilmente são escutados e, geralmente, apenas fontes oficiais e boletins de ocorrência são privilegiados.

O corpus teórico e metodológico deste trabalho analisa dois livros-reportagem e o tratamento dado pelas obras à questão da violência. “Abusado”, livro-reportagem de Caco Barcellos e “Cidade Partida”, livro-reportagem de Zuenir Ventura sobre a Chacina de Vigário Geral e suas conseqüências, em 1995, são livros que buscam uma abordagem diferenciada da temática da violência, dada a cobertura muitas vezes sensacionalista ou tendenciosa feita pela grande imprensa ao assunto.

Em livros como “Abusado” e “Cidade Partida”, a violência que o país vive *pode* ser retratada em suas diversas camadas, desvelando as contradições existentes nos conflitos relacionados ao fenômeno, demonstrando novos/outros sentidos discursivos presentes nos

¹ As formações discursivas são a projeção, no discurso, das formações ideológicas. Estas, por sua vez, são definidas como “aquilo que o sujeito pode e deve dizer numa situação dada em uma dada conjuntura” (PÉCHEUX et alii, 1988).

acontecimentos² e colocando em xeque conceitos consagrados como a simplificação “mocinho” e “bandido”, em que policiais encarnam o papel de “heróis” em uma terra sem-lei; acusações contra pessoas que ainda são suspeitas; imagens com propósitos exclusivamente apelativos.

Caco Barcellos e Zuenir Ventura são autores preocupados com os problemas da sociedade e buscam cobrir temáticas que possibilitem uma melhor compreensão da mesma. Essa pesquisa procura mostrar esse jeito próprio de se fazer jornalismo, em que as regras passam a ter maior flexibilidade, e o jornalista se vê obrigado a lidar com um emaranhado de informações e emoções, sentidos outros, diferentes, que emergem da pesquisa com os sujeitos presentes nos morros. Envoltos em uma infinidade de conflitos existentes em uma história, os autores buscam interligar as diversas causas e consequências e refletir a sociedade em um texto com voz/produção de sentidos para os diferentes segmentos sociais, especialmente para aqueles que nunca são retratados nos meios de comunicação.

1 ANÁLISE DO DISCURSO

A análise dos livros será feita com base nos estudos de Análise do Discurso, que concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação torna possível tanto a permanência e a continuidade como o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana e pode ser analisado de forma minuciosa através dos textos, espaço de representação e contradição desses discursos que se relacionam.

Nos estudos discursivos, forma e conteúdo não são separados. O objetivo dos estudos desse campo do conhecimento é compreender a língua não só como uma estrutura, mas como um acontecimento, um encontro do sujeito com a linguagem em sua própria constituição (do sujeito e da linguagem). A língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito); e a história é afetada pelo simbólico (já que os fatos reclamam sentidos).

O discurso não é apenas transmissão de informação, e também não há linearidade na disposição dos elementos de comunicação, como se a mensagem resultasse de uma justaposição cronológica e sequencial de elementos. Ela é processo. A Análise do Discurso vai compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando os próprios

² Aqui estamos pensando na relação estrutura/acontecimento proposta por M. Pêcheux (1990), em relação ao discurso que é feito de estrutura (ordem significante, língua) e acontecimento (real da história) sendo que é impossível separar os dois, na análise de discurso.

gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido, no modo como se constituem, são formulados e circulam. “A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, mecanismos, como parte dos processos de significação” (ORLANDI, 2003).

A Análise do Discurso não procura um sentido verdadeiro, não vai atrás de uma chave de interpretação, mas procura analisar os seus modos de produção, explicitando as diversas formas de sentido, complexificando conceitos já consagrados. Não há uma verdade oculta atrás do texto, mas gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. A análise visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido, para produção de novas práticas de leitura.

Quando se nasce, os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Todo o dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa, nas palavras dos sujeitos que, por sua vez, se inscrevem em uma ou outra formação discursiva.

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos de relação de sentidos. Os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que os sustentam, assim como para dizeres futuros. As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e historicidade), o que é institucional (a formação social em sua ordem) e o mecanismo imaginário, que relaciona o sujeito com suas condições materiais de existência (ORLANDI, 2003).

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele não brota do nada e se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições. Os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam, na medida em que eles se identificam, ao inscrever suas palavras em uma ou outra formação discursiva, reflexo no discurso da ideologia. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos (ORLANDI, 2003).

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso³, configurações específicas dos discursos em relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres,

³ O interdiscurso é definido por M. Pêcheux (1988) como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente”, o já-dito, ou seja, é o que Orlandi (2005) trabalha como memória discursiva.

determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória.

As palavras não têm, nessa perspectiva, um sentido próprio, preso à sua literalidade. O sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência, que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido (PÊCHEUX, 1988).

A língua, assim, termina por fazer sentido, como um trabalho simbólico, parte de um trabalho social e geral, que constitui o homem e a sua história. Sob esse prisma, é possível entender que a língua é perpassada pelo sujeito que, por sua vez, é afetado pela história. Demonstra-se, então, que como sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo e como não há sujeito sem ideologia também o sentido é sempre afetado pelo ideológico; sentido existente na linguagem, com o real afetado pelo simbólico (afinal, os fatos pedem por sentidos). Não ocorre apenas uma transmissão de informações entre emissor e receptor, mas há todo um jogo de representações de sentidos, com a relação de sujeitos que se esbarram na história geral e particular de cada um.

Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito; aquilo que não está dito e que também está significando. E o que não está dito pode ser de várias naturezas: o que não está dito mas que, de certa forma, sustenta o que está dito; o que está suposto para que se entenda o que está dito; aquilo a que o que está dito muitas vezes se opõe: outras maneiras diferentes de se dizer o que se disse e que significa com nuances distintas.

Podemos dizer que há relações de sentido que se estabelecem entre o que um texto diz e o que ele não diz, mas poderia dizer, e entre o que ele diz e outros textos dizem. Saber ler passa a ser saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente. Como a linguagem tem uma relação necessária com a exterioridade, a ideia de unidade (de todo) não implica a de completude: a linguagem não é uma coisa só e nem é completa (ORLANDI, 1990). Entendemos também como incompletude o fato de que o que caracteriza qualquer discurso é a multiplicidade de sentidos possíveis. A linguagem não é precisa, nem inteira, nem clara, nem distinta.

Para isso, o trabalho destaca os diversos aspectos envolvidos em um conflito, diferentes, por vezes contraditórios, tal qual na Análise do Discurso. São os elementos inseparáveis na constituição de um contexto, como as dimensões econômica, política, sociológica, psicológica, afetiva e mitológica, presentes na fala dos personagens. Aspectos

do discurso muitas vezes silenciado em meios de comunicação tradicionais, mas desvelados em trabalhos jornalísticos mais extensos a respeito da situação de violência nos morros cariocas.

2 REPRESENTAÇÃO

A representação da realidade das pessoas, ou seja, do seu cotidiano, é permeada por símbolos. E diante deles, o processo de interpretação se desdobra. Segundo Eni Orlandi, a Análise de Discurso permite uma relação mais próxima com a linguagem, uma vez que o discurso é a prática da linguagem e concebe-a como a intermediação entre o homem e a sociedade. Desde a antiguidade vários estudos foram realizados, embora não sistematizados, sobre a linguagem e sua produção de sentidos, o que é de interesse direto da Análise de Discurso. No entanto, somente nos anos de 1960 é que este campo de estudo ganha notoriedade. Sua constituição teórica já se prenuncia no campo do conhecimento constituído, com interfaces com a linguística, marxismo e a psicanálise, sem ficar preso nestes campos do conhecimento, indo bem além de suas fronteiras (ORLANDI, 2003).

Ao constituir o discurso como seu objeto, a Análise de Discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade: não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com homens expressando-se oralmente e por escrito, falando, produzindo sentidos, enquanto sujeitos e enquanto membros da sociedade. Em consequência, considera o lingüístico como parte da prática do discurso e vê a história e a sociedade como indissociáveis do fato que significam. Trata o discurso como palavra em movimento, prática e linguagem. A língua deve fazer sentido enquanto trabalho simbólico, que significa a partir do trabalho social, constitutivo do homem e da sua história.

A unidade do discurso é um efeito de sentido, como Orlandi explica, “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (ORLANDI, 1999, p. 15). Os discursos se movem em direção a outros. Nunca está só, sempre está atravessado por discursos que o antecederam e que mantêm com ele constante duelo, ora o legitimando, ora o confrontando. A formação de um discurso está baseada nesse princípio constitutivo – a interdiscursividade e as relações de força e de sentidos. Os discursos vêm ao mundo povoado por outros discursos, com os quais se relacionam/dialogam. Esses discursos podem estar dispersos pelo tempo e pelo espaço, mas se unem por que são atravessadas por uma mesma regra de aparição: uma mesma escolha temática, mesmos conceitos, objetos, modalidades ou um acontecimento. Por isso que o discurso é uma unidade na dispersão.

O discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedecem à que não vemos. “Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência” (FOUCAULT, 2005, p. 171). Os discursos não revelam verdades, mas tomam sentidos de certas interpretações, não mostrando outras tantas, sem abordagens dualistas. Os estudos lingüísticos tradicionais não conseguem abarcar a inteireza da complexidade da língua e a Análise do Discurso leva em conta toda essa complexidade dentro dos estudos.

Os livros “Abusado” e “Cidade Partida” trabalham dentro dessa perspectiva, da relação de forças e de sentidos, das redes de sentidos, da interdiscursividade, sempre presente entre os diferentes sujeitos envolvidos no fenômeno da violência, explicitando sentidos, apontando contradições, complexificando conceitos. A teia de relações sociais que resultam em fenômenos como a violência é buscada nos dois livros, embora ambos não se proponham a ser conclusivos. Aparecem as contradições e a incompletude típicas de um discurso amplo, relacionado à violência, em um campo onde vários outros discursos semelhantes se alojam. Esses discursos se assemelham pelo objeto de suas análises, embora possam ter divergências quanto à interpretação do mesmo. Dentro desse campo, pode-se fazer recortes menores, a fim de abstrair as maiores semelhanças entre os discursos.

Mas toda identidade do discurso diz respeito a construções, formulações feitas através do próprio discurso, por isso, permeável e passível de movências de sentido. Quando um discurso é proferido, ele já nasce filiado a uma rede tecida por outros discursos com semelhantes escolhas e exclusões. A metáfora da rede é pertinente para explicar o discurso. Uma rede, e pensemos numa rede mais simples, como a de pesca, é composta de fios, de nós e de furos. Os fios que se encontram e se sustentam nos nós são tão relevantes para o processo de fazer sentido, como os furos, por onde a falta, a falha se deixam escoar. Se não houvesse furos, estaríamos confrontados com a completude do dizer, não havendo espaço para novos e outros sentidos se formarem.

A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, por que tem os furos, e não estável, por que os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento. Diríamos que o discurso seria uma rede e como tal representaria o todo; só que esse todo comporta em si o não-todo, esse sistema abre lugar para o não sistêmico, o não representável (INDURSKY, 2005). A Análise do Discurso não toma o sentido em si mesmo, ou seja, em sua imanência. Não se acredita na existência de uma essência da palavra - um

significado primeiro, original, imaculado e fixo capaz de ser localizado no interior do significante.

3 ABUSADO

Nos livros analisados neste trabalho, há uma ruptura com sentidos já consagrados pelo discurso comum que permeia a produção comunicacional dos grandes meios de comunicação. A começar pela relação entre policial e bandido, que deixa de ser uma simples disjunção entre lado certo e errado. Há policiais corruptos que não se contentam com salários baixos e se aventuram a ganhar propinas em tráficos. Há bandidos “vítimas” de perseguições pessoais. As fronteiras entre os dois lados não são delimitadas ou sequer existem. O contexto impede que tais separações existam. A polícia age em determinados momentos até mesmo como cúmplice do lado “criminoso”. Em “Abusado”, Carlos da Praça, primeiro chefe de Juliano VP no tráfico de drogas, queria um acerto de contas com o antigo subordinado, que havia organizado uma rebelião armada contra ele.

Mesmo prisioneiro em 1999, a cadeia não impediu que Carlos da Praça exercesse sua influência para financiar a organização de quadrilhas que invadiram o morro com a missão de matar Juliano. Às vezes conseguia o apoio de policiais civis, o que dificultava a reação. [...] Enquanto a polícia atacava pela parte alta do morro para atingir a base da quadrilha, os homens de Carlos da Praça agiam pelas margens, nas ruas próximas ao acesso em Santa Marta (BARCELLOS, 2004, p. 33).

A polícia ajuda um homem acusado de ser o maior atacadista de cocaína da Zona Sul do Rio de Janeiro, dono do morro por cinco anos, desde que houvesse uma recompensa financeira depois, bem como o ódio em comum por Juliano VP, que começava a ganhar notoriedade por sua maneira abusada de conduzir a gerência do tráfico. O “lado da lei” não parece mais tão claro como alguns programas de televisão tentam mostrar, em que a polícia ganha a “aura” de herói contra um inimigo considerado “sem escrúpulos”.

A inexistência de bons salários faz com que alguns policiais procurem formas alternativas de ganhar dinheiro. Como o convívio com o tráfico é diário, muitos tentam se beneficiar de alguma maneira da prática da malandragem. Com isso, algumas brigas pessoais acabam justificando caçadas contra o crime organizado e tratamentos agressivos dados a refugiados da polícia.

Da mesma forma, o motivo da escolha pela vida do crime pode ser entendido de forma diferente a partir de histórias como a do menino do morro Pardal, de 18 anos, que prestava serviços temporários às bocas de tráfico desde os sete anos e ficou três anos na lista de espera para conseguir a função de segurança. Filho de uma faxineira e de um

pedreiro, o tráfico de drogas significava o emprego que nunca teve, uma garantia de renda melhor do que a de seus pais. A opção por esse estilo de vida parece não ficar tão clara quando necessidades básicas não são atendidas ou o dinheiro não é repartido como poderia.

Outro garoto, Nein, teve sua única experiência profissional aos treze anos de idade como entregador de remédios em uma farmácia. Após tentar, sem êxito, uma vaga de auxiliar de escritório em duas das maiores empresas estatais de Botafogo, Nein disse à sua mãe que não havia conseguido o emprego por ter tirado nota baixa no índice moradia. “Quando eu respondi na entrevista que era favelado, fudeu, aí” (2004, p. 206). Nein tem recusa de emprego devido ao seu histórico de moradia. O fato de habitar uma favela tira o direito do garoto ter um emprego remunerado. Nein tenta mais tarde entrar como gandula de quadras de tênis, mas também não consegue ter sua carteira registrada e decide voltar para o tráfico. De onde nunca mais saiu. Pois ele cumpriu o “destino” imposto por aqueles que assim o significaram.

A escolha pelo crime não foi a escolha pelo modo de vida fácil. Ao ver o tráfico como meio de ascensão social negado pela sociedade, jovens idealizam, ou mesmo apenas reconhecem esse estilo de viver como sendo o ideal, ou o único, para os moradores de um lugar esquecido pela sociedade. Se os direitos não sobem o morro, os deveres também não precisam chegar até lá. Este sujeito é assim identificado e individualizado pelo estado como inexistente.

No primeiro ano na gerência da boca, além de fiador, Juliano foi uma espécie de diplomata. Dialogava com as lideranças do morro, ouvia as queixas dos jovens do samba, contava longas histórias para os mais idosos, brincava de empinar pipa com as crianças, visitava as creches, rezava nas duas igrejas católicas, frequentava terreiros de umbanda, participava de algumas mesas de carteados e adorava estar disponível para atender aos diversos pedidos da comunidade, sobretudo quando eles vinham das mulheres a quem confiava com mais frequência o relógio que ele dizia ser idêntico ao de Che Guevara. Muitas mulheres, dinheiro farto, poder de juiz sobre os destinos das pessoas. (BARCELLOS, 2004, p. 332.)

Percebe-se um trabalho de Caco em retratar antecedentes e consequências. Ao abordar diferentes aspectos da vida dos personagens, descrever procedimentos de tortura de policiais, explanar sobre o descaso da população para com os favelados, o jornalista vai desenhando um jogo de forças em que os papéis de mocinho e bandido não aparecem mais identificáveis como em uma perspectiva dualista. Mocinho pode ser bandido, bandido pode ser herói.

Como assinala Morin (1990), trata-se de ver que se está, talvez, no fim de um certo tempo, e no começo de tempos novos. Quem sabe um jornalismo que possa abarcar os conflitos em maior abrangência. Uma nova epistemologia, que mostre os caminhos sem determinar hierarquias, indícios de novos tempos em que a verdade não é absoluta, mas sim uma construção discursiva que depende dos esforços do jornalista para ser desvendada em múltiplas dimensões. Um novo discurso.

4 CIDADE PARTIDA

Zuenir Ventura também tenta romper com o paradigma dual que impera na sociedade. O nome do livro, embora pareça dividir a cidade em duas partes, mostra que a violência é consequência de uma relação de forças de diversos segmentos da sociedade. O certo e errado não aparecem em lados definidos. Seus sentidos são diluídos, indistintos, em uma prática discursiva contraditória. A polícia perde sua aura de mocinho na luta contra o mal. Ainda na década de 60, o jornalista recorda a morte do bandido Cara-de-Cavalo, famoso na época por ter matado o policial Le Cocq, lendário detetive, lembrado por suas ações e ensinamentos.

O detetive tinha estratégia e pedagogia próprias. Detestava publicidade, mas supunha-se herói contra o crime. Zuenir diz que o policial começou a morrer no dia em que um bicheiro o procurou para pedir providências contra Cara de Cavalo. Este era um bandido “chinfrim”, que sempre com alguma amante, cumpria a rotina diária de recolher os pagamentos do jogo do bicho. Andava de táxi, mas obrigava sempre a acompanhante a fazer o serviço. Sequer saía da condução. Não fazia mais nada. Mas decretou sua morte ao trocar tiros com o lendário Le Cocq.

Esse tiro atingiu também o amor próprio da corporação. O mocinho havia perdido o duelo para um bandido pé-de-chinelo. Teve uma morte sem glória, cumprindo um mandado de jogo do bicho. Ele merecia uma morte mais digna. Continua Zuenir Ventura:

A perseguição a Cara de cavalo foi uma das maiores caçadas que o Rio conheceu. Cerca de 2 mil homens de todas as delegacias e divisões da Secretaria de Segurança foram mobilizados para a operação, comandada pelo delegado Sérgio Rodrigues. Quatro estados participaram da perseguição. A polícia ficou desorientada. A sede de vingança lhe tirou o faro. Houve mortes de pessoas parecidas com Cara de Cavalo, houve brigas entre policiais, muita disputa e rivalidade. [...]

Sivuca, que seria eleito deputado estadual com a plataforma “Bandido bom é bandido morto” – contariam mais tarde com prazer: “Então todo mundo atirou no bandido. Mais de cem tiros. O umbigo do cara ficou colado na parede” (1995, p. 47)

A crueldade da polícia para com um bandido que representava pouco perigo para a população é mostrada em uma operação que deixa dúvidas se foi realizada exclusivamente devido à vingança ou se tratava de procedimento policial. O depoimento de Sivuca revela uma impiedade com os criminosos por parte dos policiais.

Zuenir mostra uma imagem diferente da polícia. Produz assim um outro sentido. Desloca. Recuperando a história do Rio de Janeiro, o jornalista chama o caso do general Amauri Kruehl de escândalo precursor. “Ele não criou apenas o Esquadrão de Morte, mas também foi pioneiro na corrupção policial” (1995, p. 48). Era o protagonista de um dos maiores escândalos na história do Rio de Janeiro. Numa série de reportagens para o Mundo Ilustrado, o repórter Edmar Morel revelava, a partir da denúncia de dois comerciantes, que o chefe de polícia beneficiava-se, junto com o oficial de gabinete, o seu filho Nei Kruehl, de nada menos que nove caixinhas: jogo do bicho, lenocínio, hotéis, ferrovilha, economia popular, cartomantes, aborto, drogas e cassinos clandestinos, como mostra um outro trecho do livro.

Todos os membros do gabinete do general Amauri Kruehl eram acusados de corrupção, do chefe aos oficiais. Davi, um bicheiro conhecido na praça, acusava Nei Kruehl de receber dele 10 mil cruzeiros por dia. Francisco Amoroso, um dos maiores banqueiros de bicho na época e dono de cassinos clandestinos, se vangloriava de sua amizade com Nei: “Sou tão amigo quanto o Zica”. Zica, o rei da praça de Mauá, contrabandeava livremente e arrematava todos os leilões alfandegários graças às suas contribuições regulares à polícia. (1995, p. 49)

A polícia corrupta é mostrada/significada pelo autor e a violência parece/é dita como mais enraizada nas relações sociais quando interligada entre diversos setores da sociedade. Polícia e bandido, bem contra o mal, tudo parece mais difícil de ser colocado em uma fronteira definida entre os dois campos.

A chacina de Vigário Geral é retratada no livro pelo jornalista. Toda a operação que culminou na morte de 21 inocentes é descrita por Zuenir e dificulta mais a tese, já significada e cristalizada, de que a violência é fruto de bandidos inescrupulosos que precisam ser combatidos. Como diz Zuenir Ventura, a chacina servia para mostrar à cidade que a violência policial não era gratuita. A formulação de Zuenir leva à interpretação inexorável: a polícia faz parte do crime que deveria combater.

Toda essa construção encontra eco nas ideias relacionadas à Análise do Discurso, ao misturar questões diferentes e perspectivas outras ligadas ao universo de análise. Zuenir mostra que não adianta soluções que preguem a pena de morte ou prisões perpétuas para os bandidos. A sociedade está entrelaçada com o fenômeno violência em todos os

segmentos. Não são as periferias que abrigam delinquentes nocivos à sociedade. Não são policiais heróicos que salvarão a população das garras do inimigo.

É necessário pensar a inter-relação entre violência e drogas em todos os âmbitos da sociedade. Qualquer abordagem sobre o assunto deve abrir espaço para o debate da função social que o tráfico e a violência vêm desempenhando. O jogo de interesses e os verdadeiros personagens envolvidos no tema. Mas, esse pensamento deve fugir aos estereótipos e tentar conversar com os diversos setores da sociedade e suas interações retroativas. Pensar que as partes compõem o todo, mas este também se insere em cada parte. Uma lógica sistêmica que liga o conhecimento das partes ao conhecimento do todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção discursiva nos principais meios de comunicação faz um uso comum dos sentidos presentes nas palavras, reproduzindo o já-dito (efeito da memória já estabelecida) de forma corriqueira, silenciando outras significações discursivas presentes nas falas dos personagens/sujeitos envolvidos. Os livros “Abusado” e “Cidade Partida” mostram a temática da violência, tráfico de drogas e crime organizado em uma perspectiva mais abrangente, que procura interligar os diferentes fenômenos da sociedade.

O livro-reportagem tem potencial para sair da esfera em que se encontra o jornalismo convencional, que pode apresentar trabalhos de qualidade semelhante, mas tem uma atividade diária que precisa se preocupar com prazos, concorrências e representações arbitrárias. O formato livro estabelece uma prática discursiva que *pode* atingir uma liberdade impossível de se conseguir na imprensa cotidiana contemporânea. Grandes reportagens investigativas e interpretativas, quase inexistentes nos grandes meios de comunicação, podem encontrar nos livros o seu espaço (LIMA, 1995).

É nessa produção jornalística que se pode mostrar algumas das características presentes na Análise do Discurso. Os discursos se movem em direção a outros. Nunca está só, sempre está atravessado por dizeres que o antecederam e que mantêm com ele constante duelo, ora o legitimando, ora o confrontando. A formação de um discurso está baseada nesse princípio constitutivo – o da memória constitutiva, o da relação de forças e de sentidos.

E é essa relação de sentidos procurada dentro dos livros, ora apresentando os personagens, histórias de vida, espaços de enunciação, ora demonstrando algumas das impressões dos próprios autores, demarcando a reconstrução discursiva deles em relação à nova realidade apresentada. Os discursos vêm ao mundo povoado por outros discursos,

com os quais se relacionam. Esses discursos podem estar dispersos pelo tempo e pelo espaço, mas se unem porque são atravessados por uma mesma regra de aparição: uma mesma escolha temática, mesmos conceitos, objetos, modalidades ou um acontecimento.

Como dissemos acima, o discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedecem à que oculta. Os discursos não revelam verdades, tornam evidentes certos sentidos a partir de um jogo de interpretações, rarefazendo a significação em perspectivas dualistas ou simplificadas. É atrás dessas interpretações que tanto Caco como Zuenir se lançam. Tanto um como o outro, tal qual à sua forma narrativa, buscam dar espaço para essas construções discursivas presentes nas favelas, muitas das quais sem semelhante no mundo “do asfalto”, ausentes de significado para quem desconhece uma outra forma de interpretar o mundo.

Para a Análise do Discurso, o sujeito do discurso é histórico, social e descentrado. Descentrado, pois é cindido pela ideologia e pelo inconsciente. Histórico, por que não está alienado do mundo que o cerca. Social, por que não é o indivíduo, mas aquele apreendido num espaço coletivo. Os livros analisados apresentam temas que tentam contextualizar os fatos e suas raízes. Buscam a veracidade e a verossimilhança dos fatos, sem esquecer o compromisso de se referenciar nas versões apresentadas.

Tanto Caco Barcellos como Zuenir Ventura tiveram oportunidade de guiar as angulações de pauta que julgassem ser as mais adequadas. Eles tiveram maior liberdade para projetar as angulações da captação, aberto aos imprevistos e reconstruções discursivas que se lhe apresentassem, o que possibilitou aos jornalistas um tratamento abrangente da violência retratada nas duas obras. Uma maior *complexidade* pôde ser buscada, já que havia uma liberdade de angulações, temática, abordagem e propósito.

A *captação* é enriquecida através de entrevistas que possibilitam enxergar além do padrão (LIMA, 1995, p. 68). Fontes podem ser compreendidas no seu âmago em depoimentos que mostrem personagens do dia-a-dia em gestos e movimentos que evidenciam a riqueza de suas histórias. Versões e representações de diferentes dimensões sobrepõem-se e interpenetram-se. Em livros-reportagem que se norteiam por esse princípio, há uma maior possibilidade de procurar uma documentação que possa confrontar e/ou polemizar diferentes versões que surgem no processo de averiguação de informações.

Diversas experiências podem ser socializadas. As alteridades sociais podem encontrar espaço em produções que privilegiam a importância dos pequenos movimentos na compreensão da grandiosidade. Há uma construção multifacetada das fontes, com os perfis mais abrangentes, sem a construção de máscaras ou estereótipos. As virtudes e

fraquezas de personagens que passam a recordar os diferentes aspectos formadores de uma personalidade.

Cremilda Medina (2002) demonstra a importância de “escapar” dos arquétipos moldados por empresas de comunicação, que acabam reproduzindo discursos conservadores ou simplificando as possibilidades de um determinado contexto social. Nas periferias ou nos presídios, os atores sociais são conhecidos pelo leitor. Suas emoções, suas angústias podem ser compreendidas em entrevistas que façam as fontes agir como no seu dia-a-dia. Histórias de vida são contadas em primeira pessoa e o personagem ganha vida.

Constroem-se guias e tetos mentais para agir sobre regras, produzir significados que à origem já estão definidos por ideologias e paradigmas mentais [...] Sempre alguma coisa escapa à cartografia apreendida, gramaticalizada. É claro, quando o produtor cultural se fecha nos meios assim disciplinados – o caso das redações jornalísticas, com seus princípios definidos, seus manuais estruturados -, dificilmente o mediador dos sentidos da contemporaneidade decola para a poética da criação (MEDINA, 2002, p. 65)

Com isso, surgem os personagens reais Juliano VP, Flávio Negão, Luz, Caio Ferraz. São fontes que apontam indícios de comportamentos singulares quando confrontados em situações idênticas. É possível observar o comportamento dos marginais, as angústias, uma *deontologia* que rege os hábitos das diferentes pessoas que aparecem nas linhas de “Abusado” e “Cidade Partida”. Há uma *fruição pelo texto*, em que se avança nas limitações dos textos burocráticos da grande imprensa. Poder textual comparável ao de uma obra literária, em que o leitor pode fazer uma reestruturação cognitiva e emocional da contemporaneidade (LIMA, 1995).

Uma fluência possível da narrativa que se equilibra com a eficiência plausível do leitor ao término da leitura. O leitor, ao terminar a leitura da obra, tem a possibilidade de fazer compreender de melhor forma as condições de produção do trabalho. Os textos dos livros-reportagem apontam indícios verticais e horizontais dos conflitos ali narrados, entretanto, sem apontar conclusões deterministas.

“Abusado” e “Cidade Partida” retratam a violência sem um maniqueísmo visto por vezes no discurso presente em veículos de comunicação, por parte das autoridades ou dos diferentes segmentos sociais. As histórias são retratadas, importantes aspectos são apresentados, mas não há ideias ou caminhos conclusivos nas obras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Caco. *Abusado: o dono do morro da Santa Marta*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.

INDURSKY, Freda. *Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo*. Campinas: Unicamp, 1995.

MEDINA, Cremilda. *Arte de tecer o presente*. São Paulo: Summus, 2002.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Europa-América, 1990.

ORLANDI, E. *Terra à Vista*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

ORLANDI, E. *As Formas do Silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003

ORLANDI, E. *Diluição e indistinção dos sentidos: uma política da ciência*. Conferência no SEAD, Porto Alegre: UFRGS, 2010.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

RAMOS, Fabiana Pinheiro. Mídia, violência e alteridade: um estudo do caso. *Estudos de Psicologia*, v. 8, n. 3, p. 492-497, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19971.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

Recebido em 30 de agosto de 2010.

Aceito em 20 de outubro de 2010.